

EDITORIAL

O PORVIR DA ANESTESIOLOGIA

AP3132
Certamente a anestesiologia galgou em poucos anos uma posição invejável no concerto das demais especialidades médicas no nosso País. Para isso contribuíram largamente não só o trabalho profícuo dos nossos anestesistas pioneiros, como também a "novidade" da especialidade e a verdadeira "revolução" que sofreu a cirurgia nos últimos anos. Não há dúvida, entretanto, que o caminho a percorrer ainda é longo quando analisamos a situação da anestesiologia em termos nacionais e não apenas nos centros mais populosos e progressistas do País. A anestesiologia ainda está muito longe de ombrear com outras especialidades e faltam-lhe condições básicas para prestar, na realidade, os serviços que dela se poderia esperar.

O número insuficiente de anestesistas e a falta de compreensão dos deveres e funções do especialista são fatores que indubitavelmente contribuem para que a anestesiologia ainda não tenha atingido uma posição definida. Ora, a administração de uma anestesia é uma tarefa das mais alta responsabilidade e que envolve perigos consideráveis, exigindo, portanto, do anestesista um sólido critério clínico e científico. Não há lugar, em anestesiologia, para o técnico reles sem nenhum preparo ou com um aprendizado apressado e inconsistente. Muito menos haverá lugar para aqueles sem o alicerce indispensável que só a cultura médica pode oferecer. O problema da formação de anestesistas não permite soluções apressadas, baseadas no regime do aprendizado teórico única e exclusivamente.

O conceito do anestesista, ou melhor, do anesthesiologista de hoje em muito difere daquela figura semi-apagada que sonolentemente "pinga" um anestésico sobre a face de um paciente semi-anestesiado. A anestesia deixou de ser um

mal necessário da cirurgia para transformar-se em colaboradora ativa e eficiente no tratamento adequado e na recuperação mais rápida do paciente cirúrgico. Além disto, o anesthesiologista, pela sua estreita vinculação com as drogas depressoras em geral, é constantemente solicitado para colaborar no tratamento de pacientes portadores de graves distúrbios da fisiologia respiratória e circulatória.

A tarefa de levar avante o conceito da anesthesiologia garantindo o seu futuro e o seu progresso pertence aos anesthesiologistas de hoje. Ensinar a especialidade é um dever indeclinável, uma obrigação de honra para conosco, para a anesthesiologia e para o país. Porém, este ensino e o respectivo treinamento não podem ser baseados em tentativas espúrias, ainda que bem intencionadas, sem um lastro científico, pedagógico e instrumental. A fase do preceptor, do "chefe", do "magister dixit", está definitivamente ultrapassada. O ensino ou o treinamento adequado e eficiente só é possível através esforços honestos, continuados e convenientemente estruturados para atingir a finalidade almejada.

Um programa de tal magnitude não pode surgir repentinamente, tem que ser necessariamente analisado, amadurecido e adaptado de acordo com as possibilidades ao nosso dispor. A própria experiência do passado e, melhor ainda, a experiência de outros, são de inestimável valor para evitar a repetição de erros.

É com esta intenção que publicamos neste número um simpósio sobre tão palpitante assunto, onde incluímos a experiência norte-americana através um trabalho do Dr. Raphael Robertazzi; a experiência argentina, cujos problemas muitos se assemelham aos nossos, mediante uma magnífica exposição do Dr. Juan Nesi; a experiência italiana representada pelo Dr. Enrico Ciocatto e a experiência brasileira pelos Drs. Gil Soares Bairão e Amador Varella Lorenzo. Ainda sobre o estado atual da anesthesiologia como especialidade médica e suas injunções médico-legais, incluímos uma lúcida exposição do Prof. Flamínio Favero.

Nestes trabalhos os nossos leitores certamente encontrarão motivo para meditar sobre o caminho que deveremos percorrer para assegurar o porvir e o crescente progresso da anesthesiologia como uma verdadeira Especialidade Médica.

ZAIRO VIEIRA.